



ÓBIDOS NA CRISTA DA ONDA ARTIFICIAL



Óbidos vai ter o primeiro surf parque português, um aldeamento turístico de quatro estrelas onde uma piscina de ondas para surfistas de todas as idades e níveis será a atração principal. A abertura está prevista para o início de 2026

— POR MAFALDA ANJOS





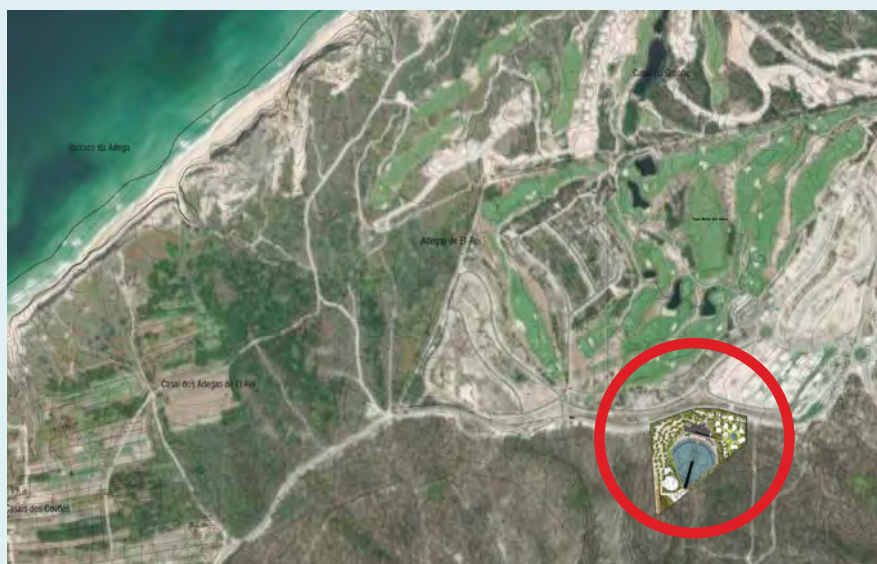
É

É o cenário idílico para qualquer surfista: água transparente, ondas perfeitas e previsíveis, para todos os níveis. Infelizmente, condições destas são raras no mar, que obedece aos caprichos do tempo e das estações do ano. Mas a tecnologia permitiu replicar a Natureza de forma artificial, em grandes piscinas de ondas dinâmicas – um segmento do mercado desportivo e de lazer em franco crescimento em todo o mundo e que em breve chegará também a Portugal.

Vai nascer em Óbidos o primeiro surf parque português, um aldeamento turístico de quatro estrelas e um parque temático desportivo promovido pela Surfers Cove. A obra, que teve em outubro passado o projeto de licenciamento de arquitetura aprovado pelo Turismo de Portugal e pela Câmara Municipal de Óbidos, prevê o arranque da construção em julho, com abertura ao público em março de 2026.

“A ideia na base do Surf Parque Óbidos é oferecer uma experiência de surf autêntica e inclusiva, permitindo que todos os surfistas, dos 7 aos 77 anos, possam usufruir do prazer das ondas de um modo saudável e num ambiente controlado, uma forma complementar ao oceano. Além disso, é também um espaço perfeito para a elite do surf português e internacional treinar e competir”, enquadra Manuel Vasconcelos, proprietário do terreno e acionista da Surfers Cove. “Concebemos o espaço de maneira a ser uma âncora do Turismo Centro de Portugal”, acrescenta.

O projeto ocupa uma área de cinco hectares e, além da piscina de ondas e escola de surf, estão planeadas 56 unidades de alojamento T0, T1 e T2, com até 144 camas e várias zonas para serviços e diversões complementares: um restaurante, uma loja de surf, vários skate parques, pista de bicicletas,



▲ **Projeto** Estão planeadas 56 unidades de alojamento T0, T1 e T2, com até 144 camas e várias zonas para serviços e diversões complementares

O surf parque permite que surfistas de diferentes níveis possam usufruir do prazer das ondas, de forma saudável e num ambiente controlado

courts de padel e de beach ténis e um espaço de wellness. Além disso, o Surf Parque Óbidos contará com uma zona para acontecimentos corporativos.

Perto de Peniche, da Nazaré, e a cerca de 80 km de Lisboa, o projeto tem como alvo tanto o público português como o estrangeiro. Destina-se a quem faz surf o ano inteiro, mas também a quem pensa passar férias desportivas na região. A tecnologia da piscina de ondas é da Wavegarden (ver caixa) e já foi testada e instalada no Reino Unido, Suíça, Austrália, Brasil e Coreia do Sul. A piscina permite oferecer oito tipos de ondas de graus de dificuldade diferentes, ao longo do dia.

“Já investimos em projetos relacionados com o turismo, o imobiliário e a



saúde. E encontrámos no surf parque uma complementaridade entre estas três áreas. O surf é uma tendência no mundo inteiro, e em Portugal sentimos que há mercado, tanto para quem está a aprender como para quem está a evoluir. Apostamos na complementaridade ao mar, onde as ondas estão cheias de pessoas. Aqui consegue-se treinar muitas vezes a mesma onda com muito melhores condições”, explica João Cota Dias, cofundador da Admar SCR SA, sociedade gestora de fundos de capital de risco, com uma participação na Surfers Cove.

A Surfers Cove é liderada nesta fase por um grupo de acionistas fundadores nacionais e internacionais, nos quais se incluem, além da Admar, a empresa portuguesa Despomar (dona de marcas como a Ericeira Surf & Skate e a 58 Surf) e a suíça Alaia Bay, a Menlo Capital e por elementos da equipa de gestão. Este grupo de investidores será alargado numa ronda B de investimento, de forma a dotarem o projeto de um valor superior a 8 milhões de euros de capitais próprios.

O investimento total do Surf Parque Óbidos será superior a 30 milhões de euros. “O break even está pensado para seis ou sete anos. Como fundo, temos sempre um exit, mas, mais do que pensar na saída, estamos focados em construir um grande parque”, diz João Cota Dias. A empresa ainda está disponível para angariar novos investidores para a sociedade.



Wavegarden Um paraíso feito pelo Homem

Como num restaurante, esta empresa de tecnologia de ondas tem um menu de variedades à disposição. Basta juntar água – e muita engenharia de ponta

Ondas de todos os tipos e para todos os gostos. É o que promete, e cumpre, a Wavegarden, a empresa de engenharia de ponta dedicada à pesquisa, fabricação e operação de sistemas geradores de ondas e piscinas de surf, considerada a líder de mercado neste setor emergente. Veio revolucionar o desporto, fornecendo ondas de qualidade, com diferentes níveis de exigência, em ambiente seguro e inclusivo, com consistência e previsibilidade. Nestes espaços de ondas artificiais dinâmicas, o menu é muito abrangente. A Wavegarden é

capaz de entregar 20 tipos de ondas diferentes, servindo surfistas de diferentes idades e estágios, dos iniciantes aos atletas de alta competição.

Foi fundada por Josema Odriozola, engenheiro de formação e surfista de coração, tal como foi apresentado na VISÃO Surf, onde contou a história da Wavegarden. “Não pretendemos banalizar a experiência do surf, procuramos, antes, democratizá-la e torná-la acessível a todos. Surfar no oceano é mágico, mas a perfeição das nossas ondas e a sua consistência também

são mágicas. Ambas as abordagens são fundamentais para se progredir tecnicamente e se avançar neste desporto, sobretudo nos sítios que não estão próximos do mar ou onde a qualidade das ondas não é consistente”, explicou à VISÃO.

Neste momento, há sete surf parques da Wavegarden a funcionar no mundo – País Basco, Espanha; Itupeva e Garopaba, Brasil; Sion, Suíça; Siheung, na Coreia do Sul; Melbourne, Austrália; Bristol, Reino Unido – e mais cerca de cinco dezenas em construção ou em fase de projeto.

PREOCUPAÇÃO COM A SUSTENTABILIDADE

Neste projeto, o impacto ambiental e a sustentabilidade foram acautelados num sistema de gestão de sustentabilidade, “sustainability management system” na sigla inglesa, de forma a reduzir ao máximo a pegada ecológica.

“Procurámos o fornecedor de tecnologia que garantisse os consumos de eletricidade e água mais eficientes, e por isso escolhemos a Wavegarden”, explica Manuel Vasconcelos. A piscina terá 110 metros por 110 metros, comporta 13 mil metros cúbicos de água. O consumo de água com o sistema a funcionar é muito mais baixo do que um campo

de golfe. “Consome 10 vezes menos do que um campo de golfe, o equivalente a 2 buracos”, garante Ricardo Cunha Vaz, também acionista da Surfers Cove.

O projeto arquitetónico, da autoria de Frederico Valsassina e da sua equipa de projetistas, contou com a preocupação de ter um muito pequeno impacto sobre o solo (*ver entrevista*). A integração dos conceitos bioclimáticos na conceção arquitetónica do edifício principal e das unidades de alojamento permite uma redução de cerca de 30% do consumo energético dos edifícios, sendo mais sustentáveis e de elevada eficiência energética. Por cima do edifício principal há 900 metros quadrados

Frederico Valsassina

Arquiteto

“A construção em madeira integra-se bem com o estilo de vida de comunidades ligadas à natureza”

O projeto arquitetônico do Surf Parque Óbidos é da responsabilidade de Frederico Valsassina, arquiteto várias vezes premiado com o Prémio Valmor, entre outros, e autor de obras como a ampliação e nova cobertura da ETAR de Alcântara ou o novo Hospital Cuf Tejo. Em que se inspirou para desenhar um aldeamento turístico e de lazer centrado no surf?

O lugar, o âmbito e a cultura do sítio, a proximidade com o mar e as vistas que o próprio aldeamento turístico pode desfrutar foram primordiais para a definição do objeto de arquitetura. Por outro lado, o estilo de vida descontraído que os praticantes deste desporto preconizam foram fundamentais para a definição do conceito. Devia-se identificar com o modo de vida desta comunidade de residentes locais, bem como com o das pessoas que nos visitam, para desfrutar da costa portuguesa. Foi também definidor manter a cobertura arbórea de pinheiros existentes e proporcionar aos visitantes um estilo de vida ao ar livre em perfeita sintonia com a natureza.

Qual foi o maior desafio com que se confrontou?

O maior desafio foi na implantação do plano de água da piscina de ondas no terreno, os fatores decisivos foram: procura dos



menores declives e movimentação de terras, evitar linhas de água, proteger a zona de estada dos ventos vindos de norte, e criar construções sustentáveis.

A construção em madeira está cada vez mais sofisticada. Como arquiteto, gosta deste tipo de solução? Para que situações faz sentido usá-la?

Gosto bastante. A construção em madeira dos dias de hoje não tem nada que ver com o que se fazia há uns anos. É muito bem estruturada, do ponto de vista térmico e ambiental é excelente e integra-se francamente bem com o estilo de vida de comunidades ligadas à natureza.

Os módulos são todos pré-fabricados? E as casas são amovíveis? Qual é a vantagem disto?

Todos os módulos são pré-fabricados. A van-

tagem é menor impacto no terreno a implantar e maior rapidez na construção, e a possibilidade de uma sistematização e faseamento adequados.

O edifício principal integra “conceitos bioclimáticos”. O que isto quer dizer?

A integração dos conceitos bioclimáticos na conceção arquitetónica do Edifício Principal e Unidades de Alojamento permite uma redução de cerca de 30% do consumo energético dos edifícios, resultando em edifícios sustentáveis e de elevada eficiência energética. Níveis excelentes de isolamento térmico, inércia térmica forte conjugada com ventilação natural, aquecimento solar passivo, proteções solares efetivas nos vãos com incidência solar e bons níveis de iluminação natural são os princípios bioclimáticos integrados a nível arquitetónico nos edifícios.

Que outras preocupações ambientais procurou assegurar em todo o projeto?

A cobertura do Edifício Principal e das Unidades de Alojamento foi otimizada no sentido de ser revestida a painéis fotovoltaicos, com uma área útil de implantação de painéis de cerca de 2 000 m². A energia elétrica produzida será injetada nos próprios edifícios e na rede de distribuição interna do complexo, permitindo desta forma diminuir todos os consumos elétricos dos sistemas de aquecimento, ventilação e ar condicionado, iluminação e tratamento de bombagem das piscinas.



“A integração dos conceitos bioclimáticos na conceção arquitetónica do edifício principal e unidades de alojamento permite uma redução de cerca de 30% do consumo energético”



▲ **Equipa** Manuel Maria Vasconcelos, João Cota Dias, Ricardo Cunha Vaz, Lourenço Carvalho de Almeida e Gonçalo de Mello

de painéis fotovoltaicos, somando mais 900 metros quadrados numa segunda fase de construção. “Este será um dos aldeamentos turísticos com maior número de painéis fotovoltaicos por cama. Vão ser cerca de 1664 m², evitando 209 toneladas/ano de emissão de CO₂ para a atmosfera”, detalha Ricardo Cunha Vaz.

SURF, UM DESPORTO EM FRANCO CRESCIMENTO

Mas se Portugal tem 2600 km de linha de costa e mais de 600 praias, com boas e variadas ondas, que utilidade tem um surf parque? Perguntámos à Federação Portuguesa de Surf (FPS), entidade com quem a Surfers Cove estabeleceu um protocolo para a realização de treinos, estágios de seleções e acontecimentos desportivos.

“Mais de 50% desta linha de costa é surfável em alguma altura do ano e, essencialmente, durante todo o ano. E aqui é que reside o ângulo. O potencial de surf está muito concentrado nas zonas próximas dos cabos, áreas que coincidem com as zonas mais densamente povoadas e talvez excessivamente (no caso do surf) promovidas como oferta turística para todo o mundo. Desta forma, a criação de surf parques em várias regiões, além da experiência combinada com o oceano, tem a vantagem acrescida de poder dispersar os praticantes, oferecendo-lhes alternativas de qualidade, uma vez que é muito raro que toda a costa de Portugal tenha boas condições ao mesmo tempo. E neste prisma, falamos na perspetiva do comum surfista que reside ou que nos visita”, explica João Capucho, vice-presidente da FPS.

Para a Federação Portuguesa de Surf, qualquer surf parque eleva a modalidade para patamares como o futebol, o râguebi, o ténis, a natação, as modalidades de pavilhão, ou seja, permite a prática

programada, organizada, controlada e não dependente da luz solar, da hora verão/inverno, nem da “tempestade”. O que permite que clubes, associações, grupos e atletas treinem mais vezes, com menos impacto na vida escolar – um problema sério para os surfistas –, antes ou depois do trabalho, e com total monitorização, por oposição a treinar no meio do mar, longe do treinador. Mas não é só no treino. “O modelo das competições, à semelhança do indoor no atletismo, ou da canoagem em rápidos artificiais, tende a reforçar a adoção das ondas artificiais, fenómeno que se acelerará no Médio Oriente, na Europa Central, na Rússia, na China, no Canadá, Índia, Malásia, regiões com poucas ou nenhuma ondas, mas com poder económico e muita gente. E Portugal tem de estar preparado para esse cenário, terá de desenvolver talento de surf de piscina, que se prevê mais técnico, mais previsível, mais mecanizado”, afirma João Capucho.

Sendo o surf já uma modalidade olímpica, o potencial é maior. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, Portugal assegurou a representação de três surfistas, entre 20 homens e 20 mulheres. Para os Olímpicos de Paris 2024, já está uma surfista, a Teresa Bonvalot, qualificada. “A realidade mostra-nos que somos atualmente um país com menos população e com uma faixa etária mais envelhecida, em comparação com os nossos competidores internacionais. E a vantagem competitiva gratuita que temos com as boas condições de mar em Portugal vai-se esbater rapidamente devido a esta ‘piscinização’ do surf. Assim consideramos que este projeto e outros que têm sido falados e que gostaríamos de ver concretizados são estratégicos desportiva, social e economicamente para o surf em Portugal”, conclui João Capucho. manjos@visao.pt

SURF PARQUE ÓBIDOS EM NÚMEROS

13 000

METROS CÚBICOS DE ÁGUA

A piscina da Wavegarden terá uma dimensão de 110 metros por 110 metros e comporta mais de 13 mil metros cúbicos de água.

Mas o consumo será equivalente a dois buracos de um campo de golfe

56

UNIDADES DE ALOJAMENTO

O complexo hoteleiro terá mais de 50 unidades, T0, T1 e T2, e pode comportar até 144 camas.

30

MILHÕES

Valor do investimento total previsto para o projeto de aldeamento turístico

10

MILHÕES

Em velocidade de cruzeiro, é esta a faturação anual esperada, da qual 60% resultará do negócio relacionado com o surf

50

POSTOS DE TRABALHO

O aldeamento turístico será de 4 estrelas e conta com uma equipa de meia centena de trabalhadores